

# Possibilidades de uso da fotografia na elaboração de projetos pedagógicos

MARGARETH BRANDINI PARK

Pedagoga, Dra. em Metodologia de Ensino pela FE-Unicamp e pesquisadora do CMU

## **RESUMO**

Discutir o uso de fotografias em projetos pedagógicos é o objetivo do presente texto. O artigo conclui que, enquanto suporte privilegiado dos trabalhos envolvendo a memória, a fotografia, como documento, possibilita o registro e a construção de conhecimentos no cotidiano, seja da escola ou não.

**Palavras-chave:** Projetos pedagógicos. Fotografias. Construção de conhecimentos

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to discuss the usage of photography in pedagogical projects. This article concludes that photographs, acknowledged as documents, allow recording and construction of knowledge at school on a daily basis, being a privileged aid to works involving memory.

**Key words:** Pedagogical projects. Photographs. Construction of knowledge

1 - O presente texto aprofunda discussões que encontram-se nos livros PARK, Margareth B. (org.) Educação Memória e Cidadania – Tecendo o Cotidiano de Creches e Pré-escolas em Itupeva-SP, Campinas, (Centro de Memória da Unicamp, 1996) e PARK, Margareth B. (org.) Memória em Movimento na Formação de Professores, Campinas, (Mercado de Letras, 2000). Trabalho apresentado na Mesa Redonda “As diversas linguagens de ensino e de aprendizagem”, – Seminário sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Macroárea de Ciências Humanas e suas Tecnologias, realizado em Faxinal do Céu – PR, nos dias 2 a 6 de outubro de 2000.

Este texto [1] apresenta a utilização da fotografia em vários projetos que envolvem a produção de conhecimentos no espaço da escola, assim como em espaços de educação não-formal.

Os projetos focalizados serão: Resgate sócio-histórico de Itupeva – SP e Jarinu tem memória, ambos realizados em parceria com as prefeituras das cidades envolvidas e o Centro de Memória da Unicamp, visando a formação continuada de professores; o projeto Leitura do espaço: um olhar crítico sobre a cidade de Franca, realizado pela professora Maria Madalena Gracioli em conjunto com alunos da 1ª série do Ensino Médio da ETE Dr. Júlio Cardoso da cidade de Franca, e os trabalhos de CASSIANO (1998) sobre as Folias de Reis em Campinas e de FERNANDES (1998) sobre o brincar realizado em uma instituição de educação não-formal em Paulínia – SP.

Todos os trabalhos priorizam o uso da fotografia como possibilidade de registro e construção de conhecimento por parte dos envolvidos no processo pedagógico. Concomitante às apresentações dos mesmos, assumimos o desafio de refletir sobre a possível educação do olhar visando a uma utilização da imagem que possa ultrapassar a mera ilustração dos textos e projetos.

Os projetos sob os títulos “Resgate sócio-histórico de Itupeva-SP” e “Jarinu tem memória” tiveram por objetivo efetuar o levantamento sócio-histórico e cultural de cada cidade através da formação continuada dos professores envolvendo alunos, comunidade e meios de comunicação. Pensamos que, ao priorizar a formação do educador como pesquisador, estamos investindo em parcerias que possibilitam o exercício da profissão em um mundo que se modifica rapidamente, exigindo um perfil extremamente dinâmico dos profissionais em geral.

Ambos os trabalhos focalizaram o estudo dos bairros pois assumimos que

“o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével, na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço, como o lugar da vida cotidiana pública (...) é o lugar de uma aprendizagem social decisiva que, da mesma forma que a vida familiar, escolar ou profissional, introduz, de maneira particularmente poderosa, a aprendizagem da vida cotidiana” (MAYOL, 1996: 44).

Os projetos foram implantados na rede municipal de Itupeva ao final do

ano de 1994, permanecendo até o término de 1996, e o de Jarinu, iniciou-se em 1998, permanecendo em execução até a presente data. A escolha pelo eixo explicitado acima pretendeu extrapolar a discussão que rotula tal prática como sendo trabalhos de história local ou mesmo tópicos que encontram-se inseridos na disciplina História. Baseando-se nos estudos do cotidiano de Michel de Certeau, pensamos que podemos delinear uma historicidade das/nas práticas pedagógicas que costumemente ocorrem deslocadas da vivência cotidiana e, dessa maneira, acabam artificializadas em situações de sala de aula.

Através de uma metodologia de ensino que está de mãos dadas com a pesquisa, buscamos a reconstrução dos fatos, lugares e pessoas que representam a historicidade e o cotidiano dos habitantes da cidade. Partimos, entre outros pressupostos, do da cidadania. Nada melhor e mais necessário para se exercê-la ou para pensar em exercê-la que o conhecimento do meio no qual se vive.

Professores, pais, crianças e as equipes pedagógicas das prefeituras transformaram-se em pesquisadores atuantes, levantando informações, fotografando, discutindo em sala de aula com a finalidade de desvelar a cidade e, através deste conhecimento poder propor mudanças que visassem a uma melhor qualidade de vida nos ambientes onde as pessoas em questão se encontravam inseridas.

Trabalhamos com espaços que se transformaram em lugares, viraram bairros. Os bairros re-surgiram através de seus nomes, como suportes de construção e reconstrução de memória para as crianças e, de reconstrução e construção de memória para os velhos. Esse processo, vindo do nome dos bairros, movimentou as lembranças dos velhos levando às imagens guardadas em baús, gavetas etc; ao passo que, para as crianças, os nomes passaram por imagens nos passeios dos alunos, até chegar nas lembranças. E para não perder as lembranças é preciso compartilhá-las. Para fazer viver imagens é preciso movimentá-las...

A área de educação infantil desenvolveu um trabalho centrado na busca de causos, cantigas, brincadeiras e histórias coletadas com avós, pais, mães, tios, funcionários das escolas e alunos. No projeto desenvolvido na cidade de Jarinu, um grande avanço do trabalho ocorreu por ocasião do contato entre os alunos da suplência com os da educação infantil. Verificou-se que a proposta propiciava um trabalho envolvendo a auto-estima dos alunos da suplência, que chegam à escola muito descrentes de seus saberes. As atividades propostas contribuíram para restaurar a alegria e a auto-confiança através das

trocas com os pequenos.

Um dos produtos dos projetos acima descritos é uma exposição realizada após o primeiro ano do projeto. Poderíamos afirmar que é algo realizado há tempos, como maneira de socializar um trabalho produzido com a comunidade. Porém, no presente caso, tratam-se de pequenas cidades cujas redes de ensino se encontram pulverizadas por fazendas e arredores longínquos dos centros. Desse modo, a exposição é uma maneira de recolha identitária que permite uma apropriação do trabalho pedagógico, não como um todo, o que seria pretencioso demais, mas como possibilitadora de um registro/cenário do que é a educação na cidade, assim como perceberem-se, no caso dos professores, integrados a um projeto coletivo registrado, registro esse dificultado normalmente pelas condições de trabalho extenuantes a que tais profissionais são submetidos.

Para a realização desse evento, a fotografia representa um suporte privilegiado que, aliado aos depoimentos, constituirá o apelo e o selo de pertencimento à comunidade.

Os lugares escolhidos para a montagem e exibição foram os ginásios de esportes, os maiores recintos fechados das comunidades. No caso da cidade de Jarinu, por ser o único lugar destinado a todos os eventos, pudemos dispor do mesmo por apenas uma semana. Foi um tempo muito curto para uma exposição tão significativa. Passaram pelo local, aproximadamente, cinco mil pessoas, confirmadas pelo livro de assinaturas. Considerando que a cidade conta com uma população em torno de treze mil habitantes, podemos inferir a importância deste evento.

O ponto alto da abertura ficou por conta da sessão de cinema organizada por Ubirajara Zambotto, morador da cidade, um amante da sétima arte. Foram exibidos dois filmes, um mostrando um convívio na fazenda Nossa Senhora Aparecida, em 1957, e outro, de 1979, mostrando as festividades do Ano Internacional da Criança. A platéia foi surpreendida com um cenário de cinema do qual fizeram parte músicas de fundo, gongo, rompimento de filmes, enfim, tudo o que compõe esses momentos de projeção.

Essa convivência com as pessoas falecidas que se presentificavam novamente na festa foi provocante, ultrapassando o mero saudosismo. Estava claro que elas fizeram/fazem parte integrante deste nosso momento histórico. Como declarou Ubirajara: “É muito importante esse clima de emoção, de conversas e saudades pois os filmes morrem um pouquinho por vez, ao serem projetados”. Sendo assim, eles acabam sobrevivendo nas memórias daqueles que os assistiram.

As exposições foram elaboradas de acordo com o seguinte eixo: Apresentação, Histórico do Município, Desenvolvimento Econômico, Vida Cultural, Bairros, Educação Infantil: Brincando e Fazendo Arte. Esses temas foram construídos sobre e a partir das vozes e recolhas realizadas. Saliento que

“o relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido, se não a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Desenho e escrita lhe sucederam” (QUEIROZ, 1988:16).

As fotos, objetos e outros documentos, foram organizados tematicamente com o intuito de oferecer uma narrativa imagética na qual as pessoas possam se ver, se reconhecer. Os sujeitos históricos, através de critérios próprios, seletivos, elegem suas representações. Valorizam, omitem, discriminam, cabendo ao pesquisador, em sua análise, recompor percursos não focalizados.

A presença de objetos do uso cotidiano do passado mostrou-se de grande importância para a reconstituição das práticas culturais dos grupos de imigrantes. Como se cozinhava, com as antigas máquinas de macarrão, moedores de pimenta; como se caçava para se comer, com espingardas pesadas, embornais para colocar pequenas aves etc. Sujeitos que se vêem em um coletivo, diluídos e ao mesmo tempo coesos, numa identidade que lhes confere poder social, estabelecendo relações de pertencimento.

O acervo constituído atua, entre outros aspectos, como “muletas da memória”. Uma vez exposto, congrega e provoca outras vozes que complementam/suscitam informações outras. Mais que se ver em um discurso imagético, arrebanhar conterrâneos provocados em suas lembranças que podem constituir-se em memórias-história.

A auto-estima é constantemente trabalhada através de tal metodologia, pois sujeitos históricos são requalificados como tal. Velhos assumem sua função social de portadores de memória privilegiados, todos imbuídos do desejo de escrever uma história que ocorreu às margens, que restou em memórias e vozes e que, dessa maneira, através de um discurso polifônico assumem sua historicidade, não mais latente e particular mas, sim, coletiva e pública. Dividida e geradora, aliciadora de novas vozes/memória que ao dialogarem com os materiais coletados expandem as redes, alargando fronteiras e transformando espaços em lugares de pertencimento [2].

*2 - Uma experiência muito positiva neste sentido tem ocorrido na cidade de Porto Alegre/RS, onde a administração popular tem priorizado um trabalho voltado à memória da cidade, patrocinando publicações escritas por operários, pesquisadores, jovens poetas e outros autores. Um bom exemplo desse trabalho é o livro A Rua Invisível (Unidade Editorial, 1993), que focaliza o universo dos "pânias" sociais.*

Nós, educadores, ouvimos lamúrias constantes sobre a não-presença de pais e a respectiva indiferença da comunidade quando o assunto é educação. Por que, então, em alguns eventos pedagógicos as pessoas se mobilizam? Cremos que elas se mobilizam quando esses eventos fazem/estabelecem sentido, quando os projetos educativos são coletivos, envolvem a comunidade na produção de conhecimentos. Assim sendo, essas pessoas estarão presentes não para ver uma exposição mas sim para se ver nas exposições, uma vez que elas as constituem como sujeitos históricos. Nessas exposições, as fotos representam um suporte privilegiado, destacado mais à frente.

### E AS PESSOAS SE VÊM

Ao nos depararmos com a foto entramos em um universo cuja temporalidade é diferenciada, um tempo congelado, no qual literalmente mergulhamos [3]. Esse tempo fica melhor explicitado quando pensamos que, para os índios kamaiurá, a palavra que designa mito é a mesma que designa fotografia. É o re-tornar presente. Esse “lado mágico” que nos joga para além e aquém do tempo.

Vários são os textos que apontam proibições para a feitura de fotos e para o espelho. Ambos captariam almas, poderiam levar à insanidade, uma vez que somos possuídos pelas imagens.

Lembramos que o mito é atemporal e se somos tomados por ele, o tempo é outro. Nele há a concomitância, a presença da ausência. Logo, se seria essa a temporalidade da foto, ao utilizarmos a legenda, cuja “escrita linear” é de uma temporalidade diferenciada, estaríamos cometendo o excesso de grafar o grafado, ou seja, a re-escrita da fotografia. Anexar pois, a foto a fragmentos narrativos, pelo aspecto dessa narrativa que, segundo BENJAMIN (1987:205)

“... durante tanto tempo floresceu num meio artesão-no campo, no mar e na cidade-, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele...”, pode representar uma estratégia que tenta aproximar tempos mas, sem dúvida, ainda assim, resta a interrogação colocada por NOVAES (1998:114): “Como dizer o indizível; como tornar o inteligível aquilo que é, antes de mais nada, do domínio do sensível?”.

3 - Recomendamos a leitura do romance de MAKINE, Andréi. *Le Testament Français, Paris, (Ed. Mercure de France, 1995)* que apresenta na primeira parte, o *plongé (mergulho)* em uma foto de família que desencadeará a narrativa.

As imagens são portadoras de centelhas do passado e sua palavra é uma palavra muda, portanto, poderíamos ler e escutar a natureza e não mediá-la pela língua que criamos. O mesmo se dá com a leitura das fotos, das escrituras, da pintura. O conceito de mônada, para Benjamin, como sendo um objeto único e singular que contém em si todo o universo, não representaria a parte de um todo. Não há nela sucessão temporal. A imagem permitiria essa apreensão. Aqui está o sentido de fragmento para Benjamin. Ler as imagens como os adivinhos. “Ler o que nunca foi escrito. Esse ler é o mais antigo: um ler anterior à toda linguagem, cujo objeto são as entranhas, as estrelas, as doenças” (BENJAMIN, apud Rouanet, 1981: 168).

Puxando fios e tecendo, podemos alinhar aqui também o paradigma indiciário explicitado por GINZBURG (1989:153). Tal modelo epistemológico nascido/gerado nas ciências humanas traz, segundo o autor, pistas traduzidas em sintomas, para Freud, em indícios para Holmes e em signos pictóricos para Morelli

“...Mas por trás desse paradigma indiciário ou divinatório, entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa.”

Diante das fotos, suportes físicos e químicos, quedamo-nos, pois, caçando almas e gestos capturados, capturantes. Gestos esses de uma temporalidade outra, que nos laça e entrelaça ao objeto fílmico.

Saber olhar, e novamente aqui GINZBURG (1989:179) pode nos emprestar seus escritos, na tentativa de definição desse olhar:

“Tratam-se de formas de saber tendencialmente mudas, no sentido de que como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras pré-existentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista e intuição.”

O autor traz a definição de *firasa*, termo do vocabulário dos sufi [4], designação tanto das intuições místicas quanto das formas de discernimento e sagacidade atribuídas aos filhos do rei de Serendipe. Segundo ele, a *firasa* seria o órgão do saber indiciário. Sua noção é complexa e envolve a capacidade

4 - *Sectário de doutrina panteísta entre os muçulmanos.*



**Nos dias de festa vinha o fotógrafo que colocava uma colcha pendurada como parte do cenário. Da esquerda para a direita: Amélia Zambotto, Raquel Siqueira, Luzia e Julia S.D. Moura. Foto do ano de 1938, cedida por Amélia Zambotto, pertencente ao acervo do projeto Jarinu tem memória.**

5 - *Indicamos a leitura do Caderno História Oral e Pesquisa Sociológica: A Experiência do CERU.* (São Paulo, 1998).

de passar imediatamente do conhecido ao desconhecido, na base de indícios.

Várias são as fotos que compõem os acervos das exposições- fotos antigas sobre temáticas variadas- fotos de rituais familiares, de rituais políticos, paisagens, meios de transporte, estabelecimentos comerciais, logradouros públicos, rituais religiosos, assim como fotos recentes vinculadas às temáticas desenvolvidas nos projetos pedagógicos, como por exemplo na Educação Infantil, o registro das “brincadeiras de antigamente” ensinadas pelos avós.

As fotos geralmente são emprestadas para que sejam feitas cópias, com negativos. Os laços de amizade garantem os empréstimos uma vez que, em geral, há uma única cópia/testamento das histórias das famílias participantes. Um dos grandes problemas é o da devida identificação das personagens fotografa-

das, de sua época, de informações que permitirão o seu uso como “documento histórico delimitado”, expressão aspeada para frisar outros possíveis usos que dispensem tais dados.

Metodologicamente, nos projetos focalizados, nos baseamos nos pressupostos da História Oral, encarada como encruzilhada de disciplinas (LOZANO, 1996) e possível junção de método e técnica.

A História Oral [5] é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato- e, pois, a compreensão- entre classes sociais e entre gerações. (THOMPSON, 1992:44).

Aliamo-nos às vozes do grupo da comunidade, participante do projeto “Jarinu tem memória”, que é um grupo do qual participam muitos idosos que se misturam a várias faixas etárias (chamo atenção aqui para a necessida-

de dessa polifonia). Trabalhando com depoimentos, elegeram o tema: Festas Religiosas. Falaram do sagrado e do profano. Das rezas e procissões ao “footing” e às paqueras, das comidas, festeiros etc.

Garimparam velhas fotos, identificaram-nas num trabalho criterioso, pois inúmeras delas tinham mais do que vinte pessoas representadas. Geraram um arquivo de fotos para a Prefeitura Municipal de Jarinu e para o Centro de Memória da Unicamp, que organiza acervos da região de Campinas-SP.

Indiscutivelmente, há especificidades no papel do velho e dentre essas está a de lembrar. E lembrando, dentro de um trabalho mais amplo e sistemático, constrói-se conhecimento. Construindo e reconstruindo histórias.

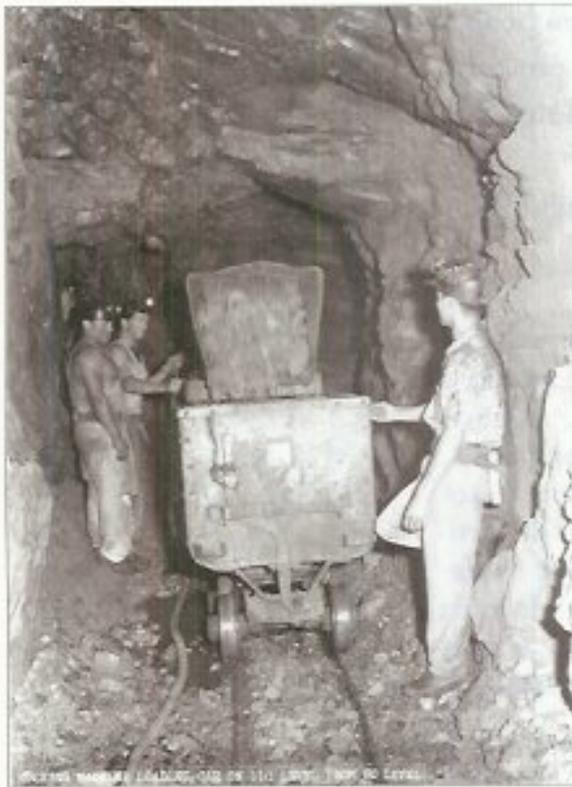
Atividades orientadas para “idosos”, tais como participação em grupos de dança, ginástica ou jogos são importantes e, mais do que isso, são direitos de indivíduos inseridos em uma sociedade. Além disso, queremos crer que existam “funções sociais produtivas” para os velhos, no sentido capitalista desta expressão e uma delas é lembrar que eles podem/devem fazer parte do processo educativo, envolvendo-os em um processo de co-educação que nada tem de filantrópico, mas que pretende reivindicar papéis para aqueles que a sociedade atual exclui.

Tal posição social visa superar a condição explicitada por Chauí para a questão:

“Que é ser velho?... em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. Como se realiza a opressão da velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas... Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor.”  
(CHAUÍ, apud BOSI, 1994:18-19)

As crianças da rede pública municipal, da educação infantil às séries iniciais, recolheram com membros da comunidade, dentre os quais avós e avôs, histórias, cantigas, brincadeiras e causos. O objetivo principal não é o da simples recolha, mas sim o de possibilitar que essas pessoas participem do/no cotidiano da escola, gerando situações de convivência que permitam uma re-significação dos papéis sociais atribuídos àqueles que constroem conhecimento, redefinindo, assim, as diretrizes dos currículos escolares.

6 - Duas bibliotecárias, duas funcionárias da Prefeitura e uma pessoa da comunidade foram preparadas pela pesquisadora Marly Marcondes, do Centro de Memória da Unicamp, para trabalhar com a restauração e manutenção das fotos.



**Mina-Bairro da mina. Itupeva/SP. Foto cedida pela Família Ferraz, pertencente ao projeto Resgate sócio-histórico de Itupeva - SP.**

O Centro de Memória da Unicamp possui hoje um acervo fotográfico da cidade de Jarinu devidamente identificado, acervo este que representa uma documentação outrora inexistente sobre esta região de Campinas. Todas as reportagens publicadas em jornais da cidade e região, assim como documento do memorialista Lázaro Siqueira, passaram, posteriormente, a fazer parte da bibliografia do projeto “História da Urbanização do Estado de São Paulo”, coordenado, na época, pelo historiador José Roberto do Amaral Lapa.

Para a cidade de Jarinu, o projeto gerou um acervo com uma característica muito importante, pois a escolha dos materiais e fotos, feita pelos próprios moradores, garante que esse acervo represente a forma com a qual pretendem retratar-se. Possuímos hoje material para uma

hemeroteca, documentos sobre a história da cidade, documento sobre escravos, etc.

Os depoimentos gravados e transcritos permitem que se inicie um arquivo de história oral contemplando os seguintes assuntos: a saúde no município, benzedeiros, primeiros farmacêuticos, parteiras, médicos; loteamentos, histórico de bairros; biografias de velhos moradores; cinema.

O acervo fotográfico [6] da cidade possui cópias e negativos sobre festas religiosas, romarias, bandas; transportes, imigrantes, bairros (ontem/hoje), agricultura, lazer e indústrias da região. Neste momento estão sendo encaminhadas a organização, catalogação e classificação do material obtido, com o intuito de facilitar o manuseio das pessoas que quiserem consultar os arquivos na cidade. Será elaborado um “folder” listando os materiais, que deverá ter ampla divulgação em escolas, rádios e jornais.

O local previsto para abrigar tal acervo é o prédio da antiga prefeitura, que se encontra em projeto de restauração. Pretende-se que no local, um futuro Centro Cultural, ocorram eventos que tenham por objetivo a socialização dos materiais coletados através de várias situações envolvendo a comunidade, fugindo assim do caráter depositário comum aos museus.

FOTOGRAFIA-DOCUMENTOS, DENÚNCIAS,  
CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO,  
AUTO-ESTIMA....

Nos trabalhos focalizados, a imagem tem um estatuto de documento, seja ela uma foto fria ou quente, características essas vinculadas, respectivamente, à foto sem informações complementares e à que as possui.

A utilização da fotografia como constituinte da produção de conhecimento em um ambiente pedagógico expandido, no qual a escola se abre para a saída dos alunos e a entrada de membros da comunidade – alterando assim as relações espaço-temporais da escola –, possibilitou várias situações. Citando alguns exemplos, o trabalho da professora Dóris, que fotografa com suas crianças o casarão da fazenda Monte Serrat sendo reformado/descharacterizado. Suas paredes de taipa cedem lugar a modernos tijolos, descaracterizando a construção. É importante colocar que a denúncia encontra-se na foto a ser decifrada em sua função, uma vez que o discurso da denúncia não é verbalizado- o que é compreensível em uma situação de pequenas cidades, em que as relações entre público e privado se interpenetram.

O trabalho da professora Luciana que, ao focalizar as fotos e depoimentos do bairro da Mina, possibilita a descoberta de um sistema de trilhos-decouverte-sobre o qual, segundo declarações do Grupo de Estudos da Técnica – CMU/UNICAMP, não havia registro. Tal descoberta gerou um estudo que, baseado nas fotografias, pôde produzir novas reflexões.

A leitura da imagem, em suas pistas, pode desencadear relações e desdobramentos que expandem e resignificam o trabalho do professor.

Com os alunos de educação infantil trabalhamos com os causos, cantigas, histórias e brinquedos sempre vinculados ao tempo histórico, isto é, compartilhando informações de outras gerações, com alunos do supletivo, avós, pais, irmãos mais velhos, valorizando a heterogeneidade, acreditando que

“... ao tomar contato com a memória do grupo de referência familiar, que traz em si a vivência experienciada em outras épocas- as crianças são impulsionadas a sair do pensamento de seu próprio tempo para pensar outros tempos, estabelecendo semelhanças e diferenças e, a partir daí, reconhecendo transformações e permanências (COELHO, 1998:67)”.

Os trabalhos realizados nas oficinas foram fotografados — fabricação de

brinquedos, brincadeiras — e as fotos fizeram parte das exposições e dos livros.

A relação que se estabelece entre os segmentos envolvidos no processo pedagógico, (professores, alunos, membros da comunidade) acaba re-significada. Os pais começam a enxergar de outra maneira o trabalho em sala de aula, percebem que têm conhecimentos a serem compartilhados, sentem-se respeitados pelos professores.

O trânsito estabelecido entre os alunos da Suplência, antigo Supletivo, e os da Educação Infantil resultam em uma nova forma de ver dos adultos, normalmente com uma experiência negativa dos bancos escolares, e a introjeção de um fracasso que pulsa dia após dia, lembrando o tempo perdido.

#### METODOLOGIA - CAMINHOS POSSÍVEIS

“Só lhe falta expor esses belos pensamentos de forma sistemática, mas um escrúpulo o retém: e se daí recorresse um modelo? Assim, prefere manter suas convicções em estado fluido, verificá-las caso a caso e fazer delas a regra implícita do próprio comportamento cotidiano do fazer ou do não-fazer, no escolher ou no excluir, no falar ou no calar-se.” *Ítalo Calvino*

No projeto desenvolvido na cidade de Itupeva-SP trabalhamos com o tema romaria. Em um primeiro momento várias fotos foram encaminhadas, sem identificação. Elas foram espalhadas sobre uma mesa e um dos critérios iniciais para agrupá-las foi o da aproximação fisionômica. Separamo-nas por séries: As famílias registram sua história, o espaço feminino nas romarias, adolescentes/adultos, romeiros solitários/romeiros em grupos, mudanças nos meios de transporte utilizados. Essas categorias elaboradas para o discurso imagético foram oferecidas pelo próprio olhar mergulhado nas fotos.

Para compor o histórico das romarias, somamos depoimentos e textos publicados no jornal da cidade. No segundo momento, as identificações foram feitas com o auxílio de doadores.

A professora Sílvia Porto Alegre [7] apresentou uma forma bastante provocadora de se trabalhar com imagens. Focalizando grupos indígenas, cortou as legendas e embaralhou as imagens com o objetivo de fazer um descolamento da foto/escrito, juntando ainda pinturas para estabelecer um diálogo imagético que pudesse apontar para novos olhares. Segundo ela, a beleza das pinturas não coadunava com o discurso preconceituoso, utilizado como legenda. Do

7 - No Seminário sobre o uso de imagens em pesquisas na área da Ciências Sociais, realizado em abril de 1996, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp.

embaralhamento, do olho sensível, resultam categorias possíveis para as representações dos indígenas- imagens da corporeidade, imagens da diversidade, ordem do mundo natural, bons e maus selvagens etc.

Estão nesse percurso as possibilidades de uso de um olhar expandido que pode criar seu próprio material de pesquisa, trabalhando com a concepção de que as imagens podem ser encaradas como notas de um alfabeto visual a serem lidas de um modo diverso da decodificação “linear e rápida da escrita”.

BENJAMIN (1989) descreve o trabalho do fotógrafo Sander que produz uma seleção de sessenta reproduções, partindo do camponês, passando por profissões variadas. Para montá-la partiu da observação imediata. O autor busca nas palavras de Goethe a “fundamentação teórica” para tal trabalho. Segundo o mesmo, existe uma terna empiria que se identifica intimamente com o objeto e com isso transforma-se em teoria.

Pensamos, pois, que podem ser vários os caminhos para os mergulhos fotográficos, escapando da tentação de produzir tudo em formato de texto, como afirma CERTEAU (1990), pois a sociedade atual é do tipo escriturístico, em que as narrativas (oralidade) se encontram vinculadas à noção de atraso. Consumir o escrito é, pois, primordial para os processos civilizadores rumo ao progresso e a modernidade.

Garantir, pois, o caráter de cientificidade reconhecido é verter sempre o discurso para o escrito. No caso das fotos, a leitura indicada pelo fichamento de dados, que é importantíssima como catalogação, não representa o “plonget” (mergulho) que nos seduz e aprisiona diante de uma imagem. Pensamos que a ordenação por séries, por exemplo, pode provocar uma dada leitura, independente de legendas descritivas que poderão ser consultadas a posteriori. O trabalho de Sebastião Salgado, “Terra” – não esquecendo as discussões que incluem a estetização da miséria – apresenta uma série de pessoas emolduradas por uma temática dividida pelos seguintes eixos: Gente da terra, Trabalhadores da terra, A força da vida, Migrações para a cidade, A luta pela terra. Os dados sobre a produção, local, identificações etc, são apresentados posteriormente, complementares, uma vez que não possuem o objetivo de aparelhar o indivíduo para o mergulho desejado. O discurso utilizado entre as imagens foi composto pela introdução do escritor Saramago, de músicas de Chico Buarque – *Brejo da Cruz*, *Assentamento*, *Levantados do Chão* – versos de Chico Buarque e música de Milton Nascimento. A escolha pela literatura/música indica a busca de linguagens que podem se somar buscando sentidos amplos, próprios das áreas artísticas. Uma escrita gravitacional.

Segundo Salgado, em reportagem publicada atualmente, sua pretensão é que as pessoas saiam diferentes depois de “olhar” seu trabalho. É evidente que ele direciona os olhares para uma meta-leitura. Não escolhe qualquer músico, é Chico, engajado socialmente, que pode oferecer indícios desse objetivo do autor. Sensibilizar tocando na carne, cobrando posturas. Mostrando a dignidade da miséria e a brutal necessidade de sua superação.

GONSALES (1998) afirma que podemos utilizar a imagem em várias fases de uma pesquisa sociológica, tais como no registro dos dados, na complementação das descrições obtidas, como detonadoras da memória, como forma de retorno dos dados da pesquisa para a comunidade.

As fotos coletadas podem ter seu fichamento técnico, em que constam dados como data, local de publicação- jornal, revista, livro, catálogo, documento etc; período diurno ou noturno, local- interno, externo, público, privado; tipo da foto- posada, instantânea, foto de estúdio, montagem; característica-nítida, embaçada, pouco contraste; condições de conservação, forma e lugar onde a foto está arquivada; doador; fotógrafo, colecionador [8].

Na ficha de conteúdo podem constar o número de personagens, sexo, idade, cor, individual, grupos; situações registradas- trabalho, lazer, religião, transportes; foto em estúdio- local, fotógrafo, decoração; foto externa-local; legenda fornecida pelo doador, outras observações de pesquisadores.

Em nossos projetos as fotos são comumente utilizadas como suportes de memória, com o intuito de desencadear lembranças. Quando abordamos o tema Festas Religiosas, optamos por ouvir fragmentos de lembranças do grupo para posteriormente rastrear e apresentar a fotografia, ampliando as informações. Os motivos são vários, dentre eles o emudecimento diante de certas imagens que capturam uma vida. Imagens e Imagens. Diante de algumas falamos, diante de outras, calamos. Uma vez que o grupo se compunha, em sua maioria, de velhos, lidávamos constantemente com as marcas de nossa finitude existencial. Assim sendo, as conversas no coletivo preparavam o olhar posterior para as imagens. A solidariedade no grupo para com os momentos de emoção encarregava-se da socialização das perdas. Portanto, é no coletivo, através da rede de relações, que criávamos o clima para explorar lembranças e imagens, evitando situações de emoção extrema.

8 - Informações retiradas do documento Memória e identidade sócio-cultural: o bairro como fonte de pesquisa para o ensino de história local, CMU- Unicamp, 1998, mimeo.

Tanto os depoimentos como a análise das fotos no grupo impulsionam uma re-tomada da memória coletiva. O que um esquece, o outro lembra, o que um lembra de uma maneira, outro lembra de outra, apresentando-se assim um rico tecido que aponta para as várias maneiras de vivenciar algo acontecido, dependendo do lugar onde as pessoas se encontram inseridas na estrutura social.

Neste processo, a maneira de lembrar de D. Mercedes [9], nesse grupo, forneceu possibilidades para outras reflexões. Durante os depoimentos, Dona Mercedes materializa os objetos de sua memória. Ela, que antigamente fazia as roupas para os grupos das congadas, repete o gesto refazendo os trajes para que as pessoas os experienciem, tecendo assim um produto com os fios de sua memória. Ela fala de suas histórias encarnando-as nos objetos que produz; licores, roupas, flores. O movimento do trabalho encarna a memória mais que a voz. Para ela, os atos presentificam melhor as histórias que as palavras.

Durante os encontros, a lembrança do “fazer flores” foi apresentada por dona Mercedes de maneira prática, confeccionando as flores no grupo (memória encarnada). A estudante Francine Rondeico, que habitualmente visita a cidade, mostrou curiosidade diante das flores confeccionadas, aprendendo a técnica e socializando-a na escola paulistana onde estuda. Portanto, a tradição de fazer flores é reincorporada em um novo contexto, com outras finalidades.

Uma metodologia de trabalho envolvendo fotos, muito interessante, é a de colocar as máquinas fotográficas na mão dos alunos para que eles fotografem. Foi este o trabalho da professora Kátia, ao estudar o centro da cidade de Jarinu-SP. Primeiramente ele coletaram e manipularam fotos antigas e posteriormente fotografaram os lugares como são atualmente. De posse do jogo das fotos fizeram uma discussão sobre as mudanças ocorridas nesse espaço.

Trabalho semelhante realizou a professora Madalena [10], com os alunos de Ensino Médio, da cidade de Franca. Eles fotografaram o espaço urbano tendo como objetivo uma leitura do mesmo, problematizando as condições dadas pelas contradições do capitalismo que se explicitam pelos contrastes entre bairros, construções, infraestrutura, organização/desorganização, emprego e subemprego, humanização/desumanização, velho e novo, feio e bonito. Os alunos partem do princípio de que a leitura crítica do espaço é imprescindível para a explicitação das desigualdades constitutivas do espaço das cidades, uma vez que sua organização irá determinar o movimento dos indivíduos, como tão bem nos fala o poeta Drumond, em seu poema *Ruas*:

9 - Indicamos a leitura de PITT, Susan J. *Los Actos Son Más Elocuentes Que Las Palabras: La Comunicacion de la Experiencia de las Parteras en la Inglaterra de la posguerra*, publicado no *Boletín de La Asociación Internacional de Historia Oral – Palabras y Silencios*, Volumen 1, número 2, diciembre 1997, p. 38 a 44.

10 - GRACIOLI, Maria Madalena. *Leitura do espaço: um olhar crítico sobre a cidade de Franca*, apresentado no 12º COLE Campinas, 1999.



Foto feita pela educadora Nilza.

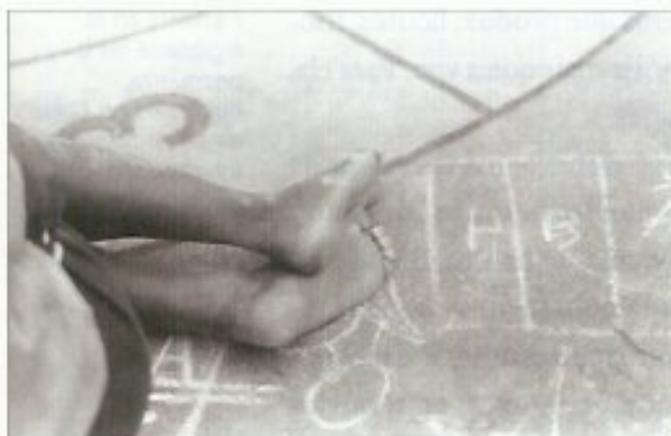


Foto feita pela pesquisadora Renata.



Foto do educando Renato.

As fotos acima têm como referência bibliográfica: FERNANDES, Renata S. *Entre nós o Sol – um estudo sobre as relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na atividade de brincar, em um programa público educacional não-escolar, na cidade de Paulínia, SP*. Campinas, dissertação de mestrado, 1998.

“Por que ruas tão largas?  
Por que ruas tão retas?  
Meu passo torto  
Foi regulado pelos becos tortos  
De onde venho.”

O trabalho realizado por CASSIANO (1998), abordando as Folias de Reis em Campinas, aponta para um uso educativo das imagens, uma vez que as mesmas circulam entre os foliões, indo para várias cidades levando informações, tais como: quem são os foliões envolvidos, roupas, adereços utilizados, estandartes, aumento ou diminuição do grupo, ausência de pessoas importantes. As andanças fotográficas retroalimentam laços entre suas comunidades pois as imagens transitam entre a cidade do evento (Campinas) e as cidades de origem dos migrantes, maioria na folia (Paraná e Minas Gerais). A manipulação das fotos nas casas dos foliões, prática constante em finais de semana, permite a avaliação de falhas e propicia a fruição das belezas de estandartes e bandeiras preenchendo tardes de domingo. A preocupação com o envolvimento de jovens no processo associou às fotos o uso de computadores e vídeos, na esperança de que novas tecnologias consigam garantir as adesões necessárias para a continuidade da prática.

Um aspecto importante levantado em seu trabalho, apontado pelos foliões, é o da necessidade de o fotógrafo ser “de dentro”, ou seja, um folião, para fotografar a folia, pois os “de fora” se preocupam com coisas que não são importantes. A autora analisa as fotos que produziu como sendo constituídas por detalhes, com preocupações estéticas, ao passo que os foliões valorizam os aspectos grupais em detrimento de expressões

individuais de rostos, etc. O aspecto coletivo da festividade é o primordial, segundo eles. E tal aspecto estende-se à função das fotos que não são guardadas, prioritariamente como lembranças individuais, mas que circulam como a lembrar o ciclo dos tempos sempre a retornar, religando os indivíduos aos rituais sagrados, buscando sentido para sua existência no âmbito do cotidiano profano.

FERNANDES (1998), ao estudar o brincar em uma instituição de educação não-formal da cidade de Paulínia-SP, privilegia o uso da fotografia realizada pelas crianças, educadoras e pela própria pesquisadora. O resultado é bastante interessante, uma vez que os três segmentos apresentam uma visão muito diferenciada do que significa o brincar. As fotos produzidas pelas educadoras são objetivas, focalizando o ato em si do brincar. As da pesquisadora são de maior cuidado estético, despregadas do ato em si, do brincar, como, por exemplo, uma foto de um local de brincadeira vazio. As fotos das crianças são inusitadas, mostrando que o brincar envolve muito mais que o ato em si, envolve um pensar, uma subversão, quando, por exemplo, eles fotografam quem fotografa, transformando o próprio ato de fotografar em uma atividade lúdica. Trabalhos como esse podem indicar uma possibilidade bastante interessante e instigadora em atividades pedagógicas na sala de aula, envolvendo discussões de conceitos mediante fotos realizadas por docentes, discentes e membros da Comunidade Educativa.

SIMSON (1998) coloca que algumas perguntas podem/devem ser feitas quando coletamos fotos antigas com o objetivo de pesquisa de cunho histórico-sociológico. Tais questões têm por objetivo rastrear a intencionalidade do fotógrafo, dos fotografados, assim como aspectos da técnica de produção e dos usos sociais da fotografia.

Algumas questões possíveis são:

- Por que foi feita essa foto?
- Quem a tirou? Fotógrafo profissional ou amador?
- As pessoas se organizaram para serem fotografadas?
- Quem montou a pose?
- Em que condições foi feita essa foto: diurna ou noturna, ambiente externo ou interno, em casa ou estúdio, espontânea ou posada?
- Por que você guardou essa foto, o que ela significa para você?
- Foi você que produziu ou recebeu de alguém?
- A foto foi comprada?
- Há outras fotos iguais, com quem?
- Publicada em revista, jornal, boletim?

- Foi transformada em poster, chaveiro, binóculo?
- Se você enviou a foto para alguém, foi com dedicatória? Dizendo o quê?

A cada projeto realizado novas possibilidades emergem para o uso das imagens e, tomando novamente as palavras de BENJAMIN (1987:94), enfatizamos que

“apesar de toda a perícia do fotógrafo e de tudo que existe do planejado e, seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui-agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem.”

Portanto, o desafio é o de educar/forjar olhos de ver para podermos utilizar esse suporte em nossas atividades pedagógicas, de forma a compor discursos que possibilitem ampliar as formas de apreensão do nosso cotidiano.

#### **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Roberto Schmidt de. “Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Uni-Rio – Curso de Mestrado em Memória Social e Documento, 1988.

BARROS, Armando M. “Educando o olhar: notas sobre o tratamento das imagens como fundamento na formação do pedagogo”. In: SAMAIN, Etienne. *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

BENJAMIN, Walter. “Pequena história da fotografia”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

CASSIANO, Célia. M. “Memórias itinerantes – um estudo sobre a Folia de Reis em Campinas”. Campinas: Unicamp, dissertação de mestrado, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

—. *A Invenção do Cotidiano: Morar e Cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

COELHO, Araci Rodrigues. "Brincadeiras de outros tempos". In: *Presença Pedagógica*, n.º 24, nov/dez 1998.

FERNANDES, Renata S. "Entre nós o Sol – um estudo sobre as relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na atividade de brincar, em um programa público educacional não-escolar, na cidade de Paulínia, SP". Campinas: Unicamp, dissertação de mestrado, 1998.

GINSBURG, Carlo. "Raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONZALES, Carmen S. "O uso da imagem fotográfica na pesquisa histórico-sociológica", in SIMSON et alii. "Memória e identidade sócio-cultural: o bairro como fonte de pesquisa para o ensino de história local". Campinas: mimeo, 1998.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*. Campinas: Papyrus, 1994.

*Jornal Bolando Aula de História* – "A história local a partir da história da escola" (Geni R. Duarte, n.9, nov/98), "A utilização de imagens no ensino da história do Lugar" (Eliana E. Ribeiro e Mary Kawachi, n.1, fev/98), "Pensando a paisagem como documento para a história local" (Rinaldo José Varussa, n.8, out/98) e "Documento no ensino de história" (Maria Helena S. Paes, n.5, jun/98) – Santos, 1998

KOSSOY, Boris. "Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia". In: SAMAIN, Etienne. (org.) *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. "Retratos de família". In: SAMAIN, Etienne.(org.) *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

LOZANO, Jorje E. A. "Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea", in FERREIRA, M. S. Amado, J. (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LUCENA, Célia Regina P. T. "Memória, escola e localidade: a escola como centro recriador da memória local". São Paulo: PUC, dissertação de mestrado, 1991.

MAYOL, Pierre. "Morar". In: CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano* (vol.2: Morar, cozinhar). Petrópolis: Vozes, 1996.

NOVAES, Sylvia C. "O uso da imagem na antropologia". In: SAMAIN, Etienne (org.) *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

PARK, Margareth Brandini. *Memória, Educação e Cidadania: Tecendo o Cotidiano de*

*Creches e Pré Escolas em Itupeva*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1996.

—. *Memória em Movimento na Formação de Professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

—. *Brincando, Contando e Recontando Histórias*. Itupeva, PMI, 1996.

PITT, Susan J. “Los actos son más elocuentes que las palabras: la comunicación de la experiencia de las parteras en la Inglaterra de la posguerra”. In: *Boletín de La Asociación Internacional de Historia Oral*. (Palabras y Silencios), Volumen 1, N.º 2, Diciembre 1997.

Prefeitura de Porto Alegre – “Porto Alegre: memória escrita” (Zilá Bernd (org.) 1998). “Arquipélago: as ilhas de Porto Alegre” (José Juvenal Gomes et aisi, coleção Memória dos Bairros, 1995), “A rua invisível” (Secretaria Municipal da Cultura, 1993)

QUEIROZ, Marcia Isaura P. “Relatos orais. Do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. In: SIMSON, Olga R. M. von (org). *Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1998.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ROUANET, S. P. *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1981, p. 168.

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões postais, albuns de família e ícones da intimidade”. In: *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia. das Letras, vol. 3, 1998.

SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SIMSON, Olga. R. M. von et alii. “Memória e identidade sócio-cultural: o bairro como fonte de pesquisa para o ensino de história local”. Campinas: mimeo, 1998.